

7 de maio de 2023

DIA DA MÃE

À semelhança da análise apresentada aquando do Dia do Pai, para assinalar o Dia da Mãe, a Direção Regional de Estatística da Madeira (DREM) faz uma breve caracterização do perfil da Mãe, residente na Região Autónoma da Madeira (RAM), que vivia sozinha com os filhos/enteados, tendo por base os resultados definitivos dos Censos 2021. Caracterizam-se ainda as Mães das crianças nascidas vivas em 2022 residentes na Região e recordam-se alguns resultados do Inquérito à Fecundidade realizado em 2019.

1. Perfil da Mãe que vivia sozinha com os filhos, segundo os Censos 2021

De acordo com os Censos 2021, residiam na RAM 250 744 pessoas, tendo sido contabilizados 94 844 agregados domésticos privados. Entre estes agregados domésticos destaque para os agregados monoparentais de Mães com filhos: (13,2%)

Agregados domésticos privados

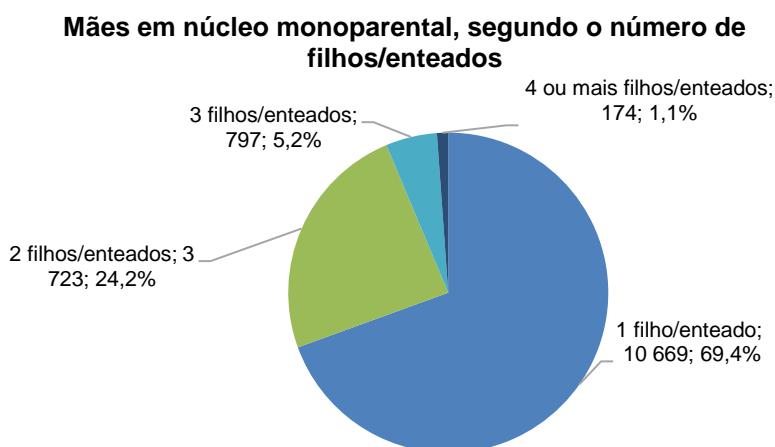
Agregados domésticos Privados	N.º
Total	94 844
Agregados domésticos privados com um núcleo familiar	64 604
Agregados domésticos privados constituídos por um núcleo monoparental	14 436
Mãe com, pelo menos, um filho com menos de 25 anos	6 674
Sem outras pessoas	5 339
Com outras pessoas	1 335
Mãe com filho(s), tendo o mais novo 25 ou mais anos	5 837
Sem outras pessoas	5 300
Com outras pessoas	537



Analisando apenas os núcleos familiares¹, existiam na RAM 74 077 núcleos, 15 363 dos quais, 20,7%, eram núcleos de Mãe com filhos/enteados, ou seja, 11,5% das mulheres residentes eram Mães monoparentais. Face ao apurado nos Censos 2011, registou-se um aumento de 14,5% deste tipo de núcleos (13 415 núcleos de Mães monoparentais em 2011).

Note-se que considerando os núcleos monoparentais (pai ou mãe só com filhos), 17 687, em 86,9% das situações é a mãe que vive com os filhos/enteados (88,2% em 2011).

Os municípios do Porto Moniz (24,4%), Funchal (22,2%) e Câmara de Lobos são os que apresentavam a maior proporção de núcleos monoparentais de Mãe com filhos/enteados, enquanto Porto Santo e Machico apresentavam os valores mais baixos (17,5% e 17,8%, respetivamente). Constatou-se que 69,4% das Mães viviam apenas com 1 filho/enteado, independentemente da idade.



Neste tipo de núcleo familiar, 67,2% das Mães viviam sem crianças (menos de 15 anos), 25,5% viviam com uma criança, 6,3% com 2 crianças e 1,0% com 3 ou mais crianças. Note-se ainda que em 25,3% destes núcleos monoparentais todos os filhos/enteados eram crianças.

Relativamente ao número de filhos, viviam com as Mães 21 236 filhos/enteados, sendo 29,8% crianças, 10,3% com menos de 6 anos (31,3% e 9,8%, respetivamente em 2011).

Considerando a distribuição das Mães por grupo etário, verifica-se que 29,3% das Mães tinham 65 ou mais anos. As Mães com idade compreendida entre os 40 e os 54 anos pertenciam a cerca de um terço dos núcleos

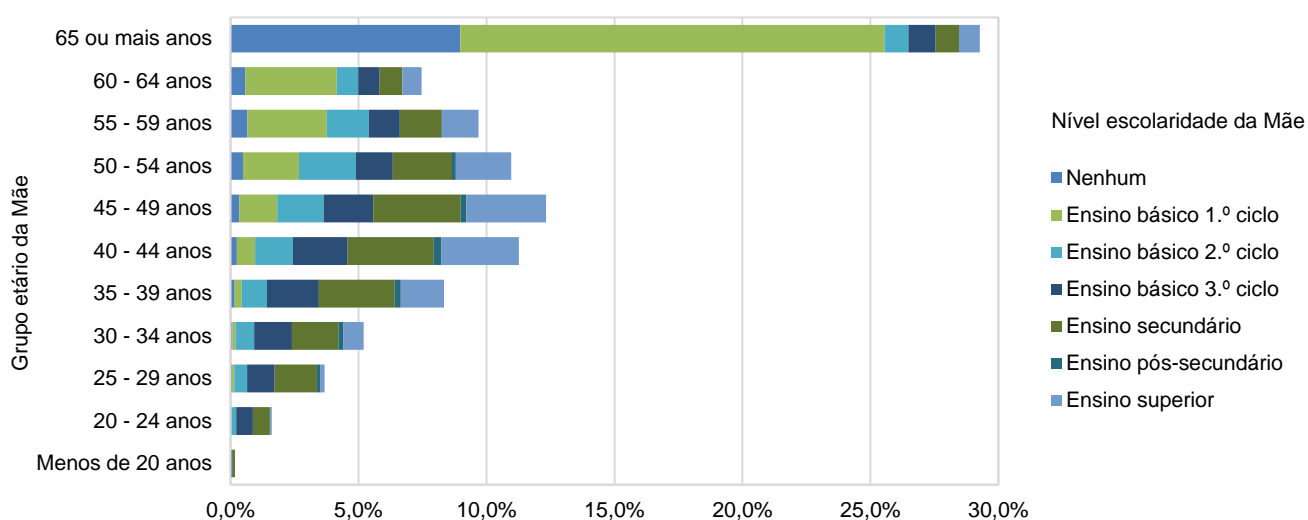
¹ Conjunto de duas ou mais pessoas que pertencem ao mesmo agregado doméstico privado e têm uma relação de cônjuges, parceiros numa união de facto ou progenitor e descendentes, que pode traduzir-se em casal sem filhos, casal com um ou mais filhos ou pai ou mãe com um ou mais filhos.



monoparentais de Mães com filhos. Estas proporções são semelhantes às dos Censos 2011 (29,3% e 32,1%, respetivamente).

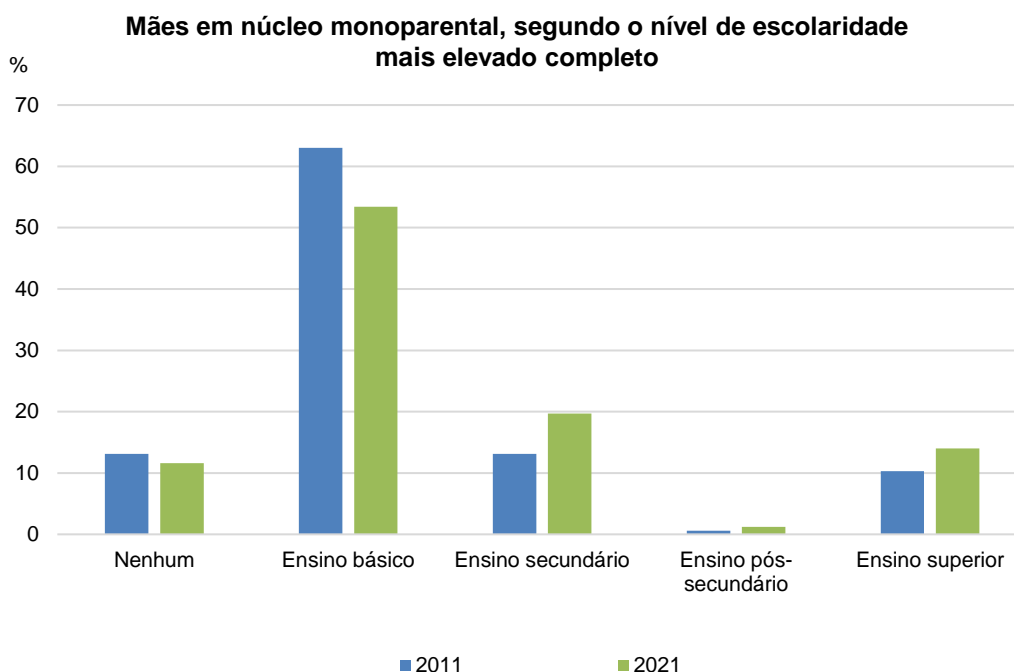
Tendo em conta o nível de escolaridade mais elevado completo, 28,1%, das Mães tinham apenas o Ensino básico do 1.º ciclo, destacando-se o grupo etário de Mães com 65 ou mais anos com 16,6%. Com o Ensino Secundário, contabilizaram-se 19,7% das Mães monoparentais (6,8% tinham entre 40-49 anos) e com o Ensino Superior 14,0% (6,1% tinham entre 40-49 anos). Por outro lado, 13,9% das Mães tinham o Ensino básico 3.º ciclo (4,2% pertencentes ao grupo etário 35-44 anos), 11,4% tinham o Ensino básico 2.º ciclo (4,0% tinham entre 45 e 54 anos) e 11,6% não tinham completado qualquer nível de ensino (0,9% tinham menos de 50 anos).

Mães em núcleo monoparental, segundo o grupo etário e o nível de escolaridade mais elevado completo



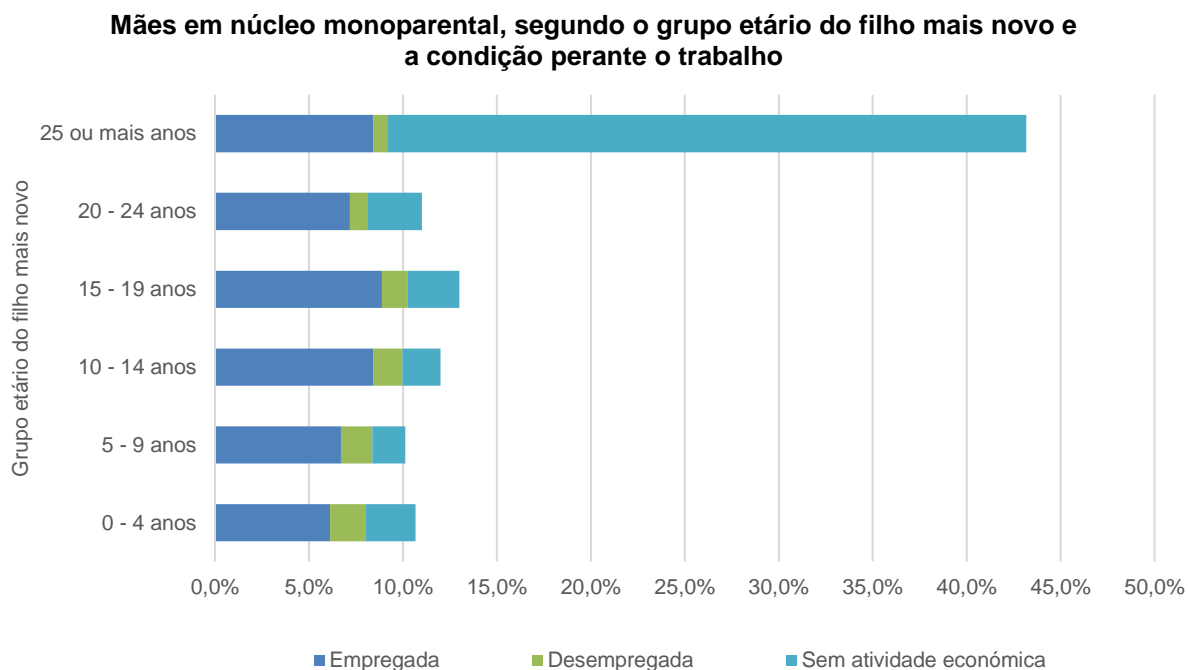
Face aos Censos 2011, nota-se que a proporção de Mães monoparentais tem em 2021 um maior nível de escolaridade.





Quanto à condição perante o trabalho, 45,7% das Mães eram empregadas, 8,2% desempregadas e 46,1% eram economicamente inativas.

Entre as Mães que viviam com filhos/enteados com menos de 15 anos 64,9% estavam empregadas, 15,4% desempregadas e 19,7% sem atividade económica. Note-se que 4,0% das Mães eram desempregadas e viviam com 2 ou mais crianças. Situação inversa encontrava-se o grupo das Mães que viviam com filhos com 25 ou mais anos, contabilizando-se 78,7% sem atividade económica.



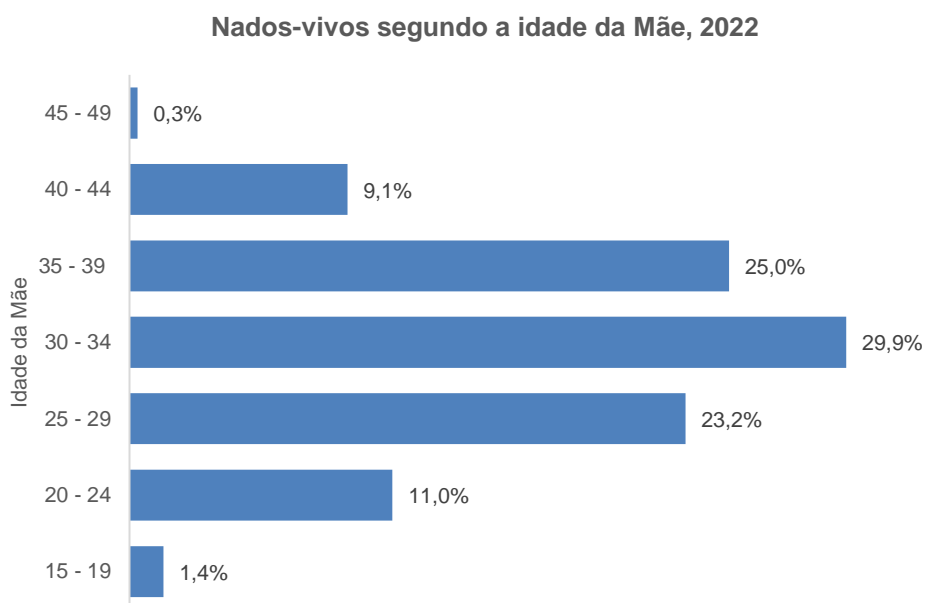
2. Caracterização das Mães das crianças nascidas em 2022²

Em 2022, nasceram 1 758 crianças vivas, filhas de Mães residentes na RAM, mais 0,8% (14 crianças) do que em 2021, invertendo-se assim a tendência de decréscimo da natalidade observada desde 2018. Tendo em conta o município de residência das Mães, 41,2% residiam no Funchal, 19,5% em Santa Cruz e 15,4% em Câmara de Lobos. Porto Moniz foi o município com menor número de nascimentos.

Quanto à nacionalidade, 4,7% das Mães tinham nacionalidade estrangeira (83).

Dezembro foi o mês em que mais mulheres tiveram filhos (9,7%; 170) e junho o mês com o menor número (6,6%; 116).

A maior concentração de nascimentos deu-se para Mães com idades superiores a 29 anos (64,4%). De notar que 54,9% das Mães tinham idade compreendida entre 30 e 39 anos e 9,4% tinham 40 ou mais anos. O número Mães adolescentes (19 ou menos anos) diminuiu face a 2021, registando-se 25 nados-vivos em 2022 (1,4%).



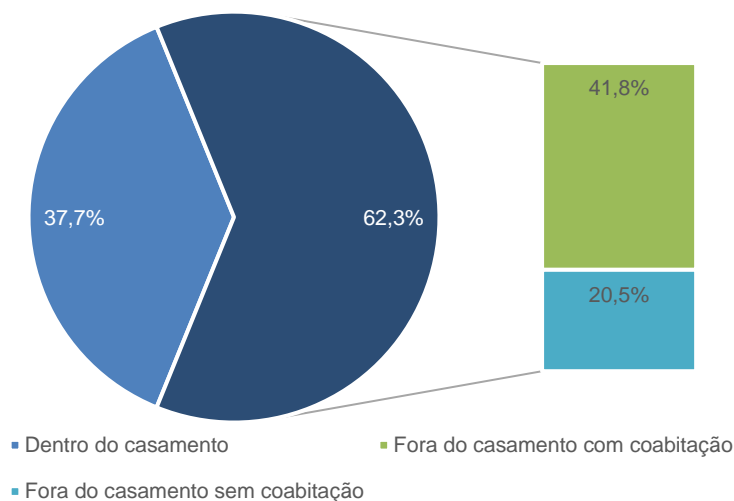
Em média, em 2022, as Mães residentes na Região tiveram o primeiro filho aos 30,5 anos. A idade média da Mãe ao nascimento de um filho situava-se nos 32,2 anos. Assinala-se assim, um aumento destas idades médias face a 2012, ano em que as idades médias foram 29,0 e 30,6 anos, respetivamente. Isto significa que as mulheres tendem a ter o primeiro filho mais tarde.

² Nesta análise considera-se que o número de Mães é igual ao número de crianças nascidas.



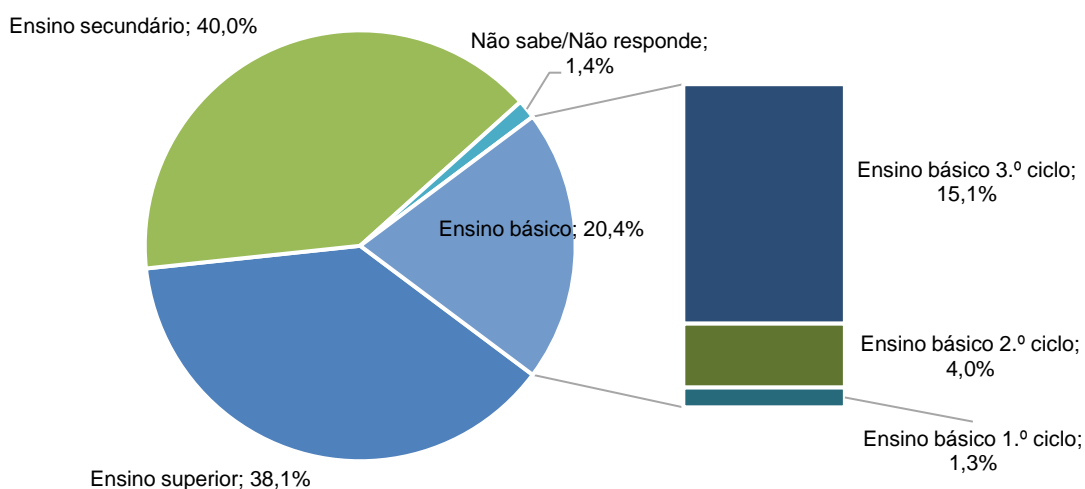
O maior número de Mães (41,8%) vivia fora do casamento em coabitação com o pai das crianças nascidas em 2022, 37,7% vivia com o pai dentro do casamento e 20,5% não coabitavam com o pai.

Nados-vivos segundo a filiação, 2022



O nível de escolaridade mais elevado completo das Mães é mais significativo no “Ensino secundário” correspondendo a 40,0%. Segue-se o “Ensino superior” com 38,1% e o “Ensino básico 3.º ciclo” com 15,1%.

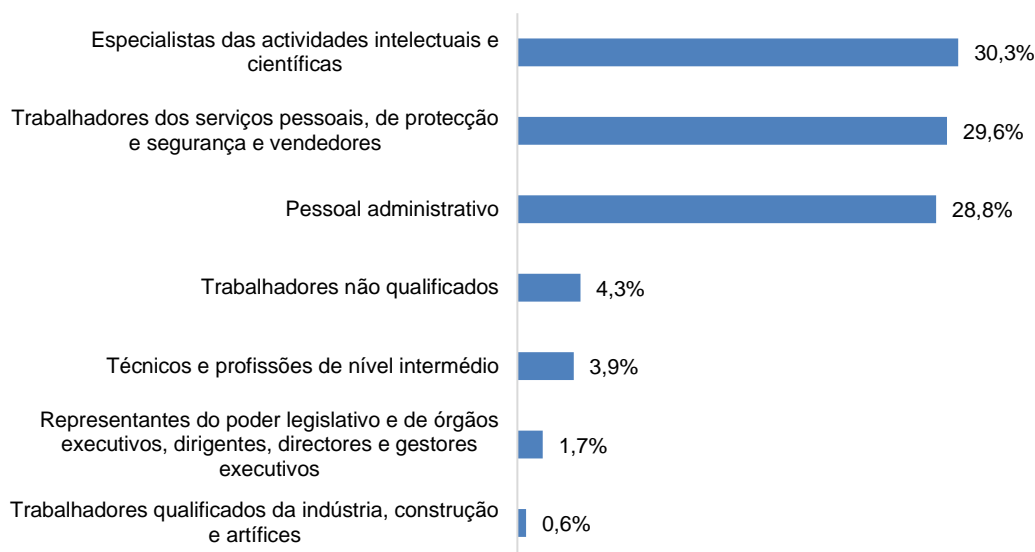
Nados-vivos segundo o nível de escolaridade mais elevado completo das Mães, 2022



Quanto à condição perante o trabalho, 74,8% das Mães estavam empregadas e 13,3% desempregadas (10,9% à procura de novo emprego). Relativamente à profissão das Mães empregadas, 30,3% eram especialistas das atividades intelectuais e científicas, 29,6% trabalhadoras dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedoras e 28,8% era pessoal administrativo. Na figura seguinte, apresentam-se as 7 principais classificações agregadas da profissão das Mães.



Nados-vivos segundo a profissão da Mãe, 2022



A maioria das Mães teve um período gestacional entre 37 e 41 semanas (1 637; 93,1%) e para 7 a idade gestacional foi entre 28 e 31 semanas (0,4%).

Tendo em conta a ordem de nascimento no total de nascimentos que cada Mãe já teve, para 51,6% das Mães tratou-se do primeiro nascimento, 36,2% o segundo e 8,8% o terceiro. Note-se que em 2022, para 14 Mães tratou-se do quinto nascimento, 2 o sexto e 1 o oitavo.

Em 2022, apesar da maioria dos partos ter sido em estabelecimento hospitalar (1 738 nados-vivos), 10 crianças nasceram no domicílio e 10 em outro local.

Relativamente à assistência médica durante o parto, registou-se um nascimento sem assistência, 1 com enfermeira não parteira, 200 com enfermeira parteira e 1 551 com médico.

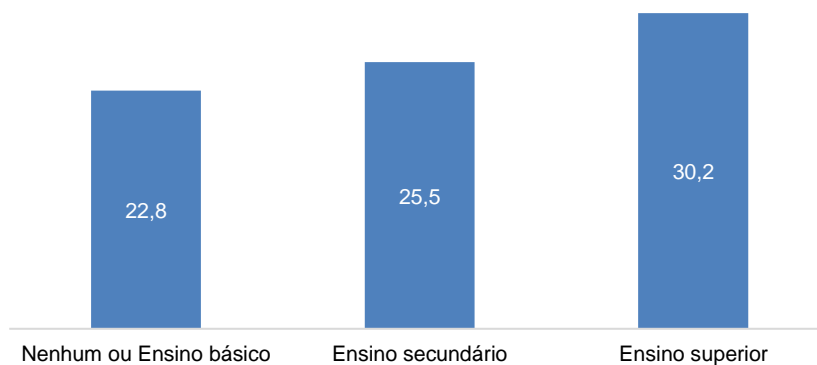
3. Inquérito à fecundidade 2019 – Motivo muito importante referido pelas mulheres em idade fértil para terem tido o primeiro filho é a vontade de ser Mãe

O Inquérito à Fecundidade, realizado em 2019, teve como objetivo obter informação detalhada sobre o fenómeno da fecundidade, fornecendo indicadores acerca do número de filhos que as pessoas têm, esperam ou desejam ter ao longo das suas vidas, e os motivos que condicionam a decisão de ter ou não ter (mais) filhos. A informação diz respeito a mulheres em idade fértil, dos 18 aos 49 anos, uma vez que ao nível de NUTS II a amostra recolhida era apenas representativa para a população feminina.



Na Região, a idade média ao nascimento do primeiro filho aumenta com o nível de escolaridade: 22,8 anos para as mulheres com nível de escolaridade completo até ao Ensino básico, 25,5 anos para as mulheres com nível de escolaridade completo Ensino secundário e 30,2 anos para as mulheres com Ensino superior.

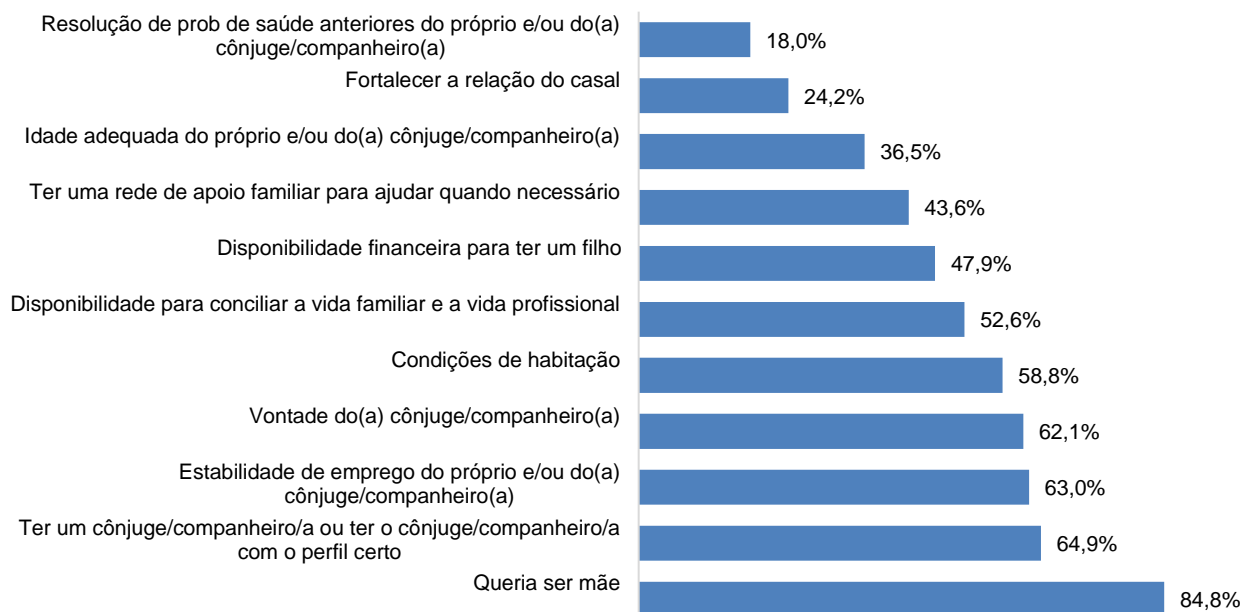
Idade média (anos) da Mãe ao nascimento do primeiro filho, segundo o nível de escolaridade



Independentemente de terem tido o primeiro filho mais cedo ou mais tarde do que desejar, a grande maioria das mulheres (84,8%), dos 18 aos 49 anos, apontou “Queria ser Mãe” como motivo muito importante para ter tido esse filho na altura em que teve. Para além deste motivo, foram apontados também como muito importantes “Ter um cônjuge/companheiro/a ou ter o cônjuge/companheiro/a com o perfil certo” (64,9%), “Estabilidade de emprego da própria ou do cônjuge/companheiro/a” e “Vontade do cônjuge/companheiro/a” (63,0%).



Motivos considerados muito importantes pelas mulheres para terem tido o primeiro filho na altura em que o tiveram

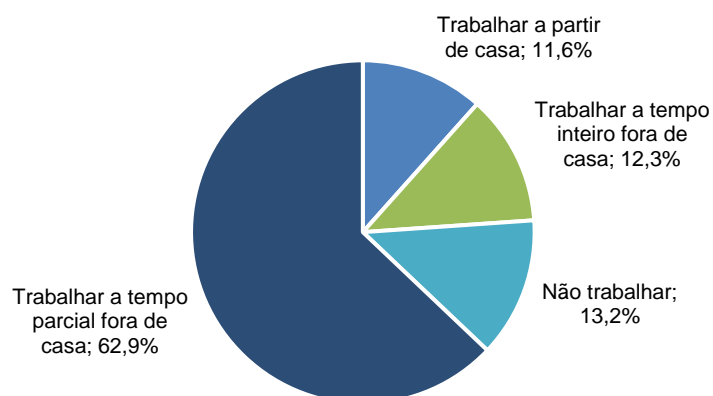


Para as mulheres dos 18 aos 49 anos, o número médio de filhos tidos (nascidos com vida) foi igual a 0,96. No grupo etário 30-39 anos foi 1,10 e no grupo etário 40-49 anos 1,51 filhos. Note-se que o número médio de filhos desejados ao longo da vida, é muito superior nestes grupos etários: 2,14 para 18-49 anos, 2,07 para 30-39 anos e 2,18 para 40-49 anos.

Numa situação hipotética de uma família com crianças pequenas, até estas irem para a escola, 62,9% das mulheres considerou que a opção ideal para uma mãe conciliar o trabalho com a vida familiar era "Trabalhar a tempo parcial fora de casa", 13,2% "Não trabalhar", 12,3% "Trabalhar a tempo inteiro fora de casa" e 11,6% "Trabalhar a partir de casa".



Mulheres dos 18 aos 49 anos, por opinião sobre a opção ideal para a mãe para conciliar o trabalho com a vida familiar



Em relação à opinião das mulheres sobre fecundidade e vida familiar, 87,4%, concordaram que “Uma mulher pode criar um filho sozinha sem querer ter uma relação estável”, 81,5% concordaram que “O desejo de uma carreira profissional e de uma vida pessoal e social ativa influenciam a decisão das mulheres não terem filhos” e 79,0% concordaram que “Uma mãe que trabalha fora de casa pode ter uma relação com os seus filhos tão boa como uma mãe que trabalha em casa”.

Mulheres dos 18 aos 49 anos, que concordam com as afirmações sobre fecundidade e vida familiar



Quanto à opinião das mulheres sobre a necessidade de existência de incentivos à natalidade, 94,1% consideraram que deveriam existir apoios para que as pessoas tenham mais filhos.



No domínio das condições de trabalho, a medida mais frequentemente referida como a mais importante foi “Flexibilizar os horários de trabalho para mães e pais com filhos pequenos” (41,8%). No contexto do acesso a serviços para ocupação dos filhos, “Alargar a rede e o acesso a creches, jardim-de-infância e Atividades de Tempos Livres (ATL)” (45,9%) foi a medida referida como a mais importante. Quanto aos incentivos no âmbito dos rendimentos das famílias “Aumentar os subsídios relacionados com educação, saúde, transporte, habitação e alimentação dos agregados com filhos” (45,5%) foi a medida mais frequentemente referida como a mais importante. No que respeita a outras medidas que não integram os três domínios anteriores, “Atribuir incentivos fiscais às entidades empregadoras com práticas de gestão que apoiem trabalhadores com filhos” foi assinalada como a mais importante por 45,9% das mulheres.

Medidas de incentivo à natalidade assinaladas pelas mulheres dos 18 aos 49 anos como as mais importantes, por âmbito das medidas

